ORGS. KARINE BASSI
LEANDRO ZERE
JOI GONÇALVES

DE QUEBRADA

NÃO PROCURE NO CENTRO

ORGS. KARINE BASSI
LEANDRO ZERE
JOI GONÇALVES

DE QUEBRADA

NÃO PROCURE NO CENTRO

DE QUEBRADA:

Não procure no centro

ORGANIZADORES:

Karine Bassi

Leandro Zere

Joi Gonçalves

fale editora

SUMÁRIO

NÃO PROCURE NO CENTRO - 10
CORRENTES E RESISTÊNCIA - 13
BEIRANDO OS 20 E POUCOS - 16
ESPERANÇA - 19
VERDADE SEJA DITA - 21
FÉ NA MÃE - 24
VELA - 26
E AGORA MARIA? - 28
SOBRE O ESFORÇO - 31
VER - 33
34 - NEM SEI
36 - QUEBRA-CABEÇAS
37 - BRASA EM PELE QUENTE
39 - TEXTÍCULO I
40 - NO TOPO DA CABEÇA
42 - NÓS
43 - QUANDO EU MORRER
44 - FERIMENTO FEITO A UNHA
45 - CURTA PORQUE ÀS VEZES EU RENDO DEMAIS
46 - CISMEIRA
48 - ESTRADAS

SABIÁ E OS MINEIROS - **49**
O CÊ - **52**
TEXTÍCULO II - **53**
IMPENETRABILIDADE - **54**
FLORA - **55**
FOGO - **56**
LABAREDAS - **57**
TEXTÍCULO III - **59**
LAMENTAÇÕES - **60**
EU TÔ FARTA - **61**
ATÉ QUANDO? - **62**
64 - SONHOS MALUCOS
68 - MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE UMA FEMINISTA
73 - PÁSSARO
74 - POEMA CONCRETO
75 - TEXTÍCULO IV
76 - CARTAS QUE EU NUNCA TIREI DA GAVETA
78 - NÃO SEI LIDAR COM RELÓGIOS
79 - TEMPO
84 - APÊNDICE: Editar as linguagens periféricas
90 - SOBRE AS AUTORAS & AUTORES
106 - ÍNDICE REMISSIVO

Das margens, dos cantos, dos becos, sarjetas. Das bocas, das lajes, das quadras, barracos. De quebrada. de quebra. de quebra, dá.

Os ensurdecedores sussurros de paixão, os silenciosos gritos de revolução. Das coisas que não são ditas, mas sim cuspidas: esculpidas, máquinas de guerra buscam a paz. Aqui é sim O Fim do Mundo, a ponta de tudo: becks e canetas. Há gavetas que empilham corpos, copos manchados de cerveja barata, o brilho suor da testa de dois amantes. Há quem diga que não temos verso, chega um pouco mais perto...

Sente o cheiro de borracha queimada? É a frustrante tentativa de apagar a nossa história. Memória viva contada na multiplicidade de tons, de sons. Os que ecoam em Saraus, Slams e também os que sussurram na ponta do pé do ouvido de quem tem as borboletas estomacais suficiente.

Aqui não seremos comuns páginas amarelas, tinta guache sobre tela ou notas 10 de um Clube da Luta de quinta. Feira de semana corrida, vida comprida, vida breve. Aqui não seremos poetas mortos de uma sociedade à beira da extinção, nem vivos poetas rumo ao colapso mental. Aqui não seremos tato ou odor, paladar degustado ou visão periférica.

Aqui seremos apenas nós, o entrelaçar coletivo das vozes que canta:

NÃO PROCURE NO CENTRO

Eu não sabia quem era Dandara até meses atrás.
Na escola, eles não falam dos meus ancestrais.
Aprendi a entrar na luta com os meus pais.
E entendi que nego drama não é só nos Racionais.

Hoje eu não saio sem olhar pra trás,
Sem pedir, nem dá pros meus pais,
E sem lembrar dos meus,
Porque foi um corre cabuloso
Até chegar nos dias atuais....
E continua sendo.

Eu tô cansada de ver nos jornais
Eles matando os meus,
Dizerem que se arrependeram
E saírem impunes,
Como se estivesse tudo normal
E depois falarem:
“Ele merecia”.

É muito fácil dizer que é vitimismo,
Quando se é cheio dos privilégios,
Quando sempre se vê no trono,
Enquanto dia após dia eu preciso dizer o que Djonga diz há tempos:
“Corpos negros no chão, me sinto olhando o espelho
Corpos negros no trono, me sinto olhando e espelho
Que corpos negros nunca mais se manchem de vermelho.”

Pra ser sincera, eu nem queria ter feito essa poesia...
Mas se eu não falar, quem vai?
Se eu não ajudar, quem vai?
Se eu não estiver pelos meus, quem vai?
E tá sendo mó corre eu ir também...
Espero que não esteja sendo fútil,
Já que pra salvar o mundo,
Essas correntes, nada têm de útil
É a verdade.

ADRIANE JOVINO

BEIRANDO OS 20 E POUCOS

De cabeça quente, coração esfriando,
Eu tenho andado cansada à vera.
Meu nariz anda nervoso demais,
Sempre esqueço o caminho de casa,
Gastrite atacada,
Gosto amargo de medo.
Nem o amor me encoraja mais.
O destino brincou horrores com a minha cara.
Minha mochila de jovem não aguentou o peso e, olha,
Eu tô tendo que usar bolsa de adulto.

O ônibus não passa, a gasolina tá cara e 50 centavos pra fumar, é um absurdo.
Eu tô engolindo é príncipe, porque sapo não é suficiente pra minha fome.
Tô me distraindo com qualquer folha de árvore que parece mais leve
Do que meu corpo.
Engordei de novo os 10 kilos que foi um custo pra perder
E eu nem tô comendo direito.

Maquiagem custa muito dinheiro, mas dormir custa muito mais,
Pra tampar olheira precisa de uma pá de corretivo e eu nem gosto desses trem.
Falando em trem, esse trem de ter que lutar pra viver me irrita horrores.
Minha mãe me ignora, meu gato me odeia, meu cachorro é chato,
Meu quarto tá uma zona, minha vida, uma bagunça
E eu não paro de fazer drama.
Se tava difícil com 16, é porque eu ainda não beirava os 18,
Se tá difícil com 18, é porque eu ainda não tô beirando os 20 e poucos

ESPERANÇA

LELÊ CIRINO

Eu tenho passado por momentos difíceis demais de aguentar.
Eu não saio mais pra dançar,
e não consigo escrever meus poemas.
A transição de adolescente pra gente grande me dá medo.
Eu não sei mais ter sossego
E queria meu aconchego.
O meu mesmo.
Tenho saudade de mim
De quando eu não tinha fim
E queria correr mundo
Absurdo!
Eu saio de casa só pra recitar.
Dinheiro eu não tenho por que falta trabalhar.
E a minha mente continua cada vez mal
Mas pelo menos eu vou pra Natal.
A poesia tem me traçado caminhos inimagináveis, mas tá difícil.

Dos meus sonhos
Eu queria tirar carteira, entrar na faculdade,
ter amigos de verdade
E largar essa besteira de poupar minha liberdade.
A vida não para,
A vida me cansa.
Quem morre por último é a esperança
e eu sempre espero que as coisas vão melhorar.
Eu só preciso reforçar minhas orações,
Tratar bem uns corações.
Amar mais entre os colchões
E fazer mais poesias, afinal, a esperança
É como a fênix, que quando tô prestes a morrer,
Ela ressuscita em mim!

Das puritanas até as mais ousadas
A igreja católica construiu sua fortaleza
em cima dos ossos de mulheres
das Marias
das Madalenas
das bruxas
das benzedeiras
das mães “solteiras”
das prostitutas
O trono onde se senta o papa,
jamais foi lugar de descanso
de nenhuma matriarca
Mas entre o ouro maciço
Entre toda honra e glória
Há sangue de luta
E culpa do sangue
Que por ser tão natural
A espécie colocou impureza
Igual o chá das curandeiras
Era só mato
Era só jeito
Não deveriam se surpreender

de tirarmos do chá a cura
Não nos leve a mal
Mas não há fuga
nem desculpas
A bíblia legitimou a misoginia
os estupros
a submissão
a fraqueza feminina,
os insultos.
Presa a um marido,
condenada a ter um filho,
a uma suposta salvação
Ora
Mas que fragilidade é essa?
Nós geramos vida
Entende?
Nós geramos a vida!

Tiramos da porra,
literalmente
da porra,
a vida

Então,
temos todos o direito de tirá-la
Entenda como quiser.

Que a **América Latina**
vai ser toda **feminista**
vocês já sabem...

eu só vim pra lembrar
que nós estamos **prontas**

dar a **cara** a **tapa**
já não é mais novidade
cêis gosta de contar **vantagem**
enquanto noís atura **pilantragem**

só que nóis somos **feras**
nosso **bando** tá formado
e com noís ocêís não fecha

fé no pai que os macho **caí**
fé na **mãe** que as **mina voa**

chegam de **voadora**
nessas suas **ideia fraca**
noís entra no **jogo** sem faca
temos nossas próprias **armas**

tamo no **corre** por muito
mais que **liberdade** parceiro
é por **justiça** e **paz**

por **aquelas** que já se foram
e não puderam se **defender**
noís tamo aqui **lutando**,
pra que as **próximas**
não precisem mais se **render**

é pro cêís **vê**,
que esse seus **procedê**,
num tá de acordo...

vê se **cresce** e **amadurece**
guarda esse **ego** nas calças
e se **apresse**,
porque o **tempo** passa
e as mulheres **correm**

a vida é **louca**, mas noís é **maluca**
pensa bem antes de entrar na **treta**
porque noís somos da **buuh cêtá**
não temos medo de **careta**

e nem de quem só sabe coçar o saco

vai **balangar** lá com seus **parça**
e se **não** for pra somar, não **embaça**
porque **nós** tamo firmando o toco aqui
é na **raça**, então pega seus kaô e **vaza**!

VELA

THAIS CARVALHAIS

Todas as manhãs acendo uma vela.
O medo de terminar o dia numa vala
Supera o meu ceticismo.
O medo de não voltar pra casa
Sem ter levado uma mala
Não supera a vida
Daquelas que não voltaram.
Tenho medo de, na rua,
Ser confundida com uma costela
crua
E ser devorada sem pressa,
Violada sem a promessa
De sobreviver.

Os monstros existem e eles estão presos
(dentro de mim)
Homens que cultivam monstros dentro de si
Estão soltos.
Eles seguem deixando vestígios de cativeiro
E gritos silenciados
Porque enquanto pedimos por paz
Eles nos entregam pás
Para enterrarmos nossos próprios corpos.
Todas as noites acendo uma vela
Não sei o porquê,
Sou muito cética para saber
Mas, acreditar que no dia seguinte,
Não deixarei de acender
A segunda vela
Me ajuda superar o medo.

E AGORA MARIA?

ZI REIS

E agora Maria?
A democracia acabou,
O golpe se instalou,
O povo sumiu.
A esquerda fugiu.
E agora Maria?
E agora você?
Você que bate panela,
Que acredita na meritocracia,
Você que faz versos,
Que vai ao sarau, aos slams,
Que está sempre de punhos erguidos.
E agora Maria?
Está sem moradia,
Está sem direito,
Está sem aposentadoria,
Já não pode trabalhar,
Já não pode dançar,
Manifestar já não pode.
A periferia chorou,
A liberdade não veio,
O transporte digno não veio,
A escola para os filhos não veio,
Não veio a poesia,
E tudo desmoronou,
E todos sumiram,
E tudo ficou para trás.
E agora Maria?
Sua doce ousadia
Seu instante de loucura,
Sua força e sua fome,
Sua anarquia,
Suas bombas,
Seu terno de canivetes,
Suas contradições, seu ódio e agora?
Com o título de eleitor nas mãos, já não pode votar,
Quer pedir diretas já,
Mas novas eleições, não há.
Quer queimar o senado,
Justiça não há mais.
Maria, e agora?

Se você berrasse,
Se você interviesse,
Se você protestasse por toda a cidade,
Se você sofresse,
Se você caísse,
Se você desistisse,
Mas você não desiste,
Você é dura, Maria!
Sozinha na vida,
Mulher sofrida,
Sem privilégios,
Sem recursos para se expressar,
Guerreira do gueto,
Filha de pedreiro,
Filha da luta,
Maria, Maria para onde?

SOBRE O ESFORÇO

BRUXA POETA

De cabeça erguida
Coração quebrado
Mente entupida
Fé abalada
Tô tomando remédio pra dormir de segunda a quarta
E o restante da semana é essencial que eu não durma
Tomo mais café que água
Pra ver se a energia não falha
A vida bate na porta
Eu não posso falhar
Eu não posso, não posso
A vida toca ao telefone
Era engano
Errei o poema todo
Comecei do início
A vida tá gritando no meu ouvido
Ainda bem que sou meio surda
Mas tem algo errado comigo

Eu
Tão inconsequente que me preocupo com tudo
Tão carente
que dou todo meu amor pro mundo
E não peço nada
Não peço nada
Só peço paz
Até o café eu esqueci como faz
Não sou doce o suficiente
E tenho que estudar mais
O problema é que sem passar pra frente
Eu não tenho espaço na mente
Como faz?
Como cê faz?
É Goma, eu me explico demais
Pra quem tem razão
Eu não sei se falta capacidade ou disposição
Mas é mais fácil não dormir pra escrever meus sonhos
Que ter pesadelos sobre falhar na minha missão.

VER

ANALÚ APOLINÁRIO

(Ver)dade, não é ver tudo!
Ver além, não é (ver)dade.
Se um dia me (ver)dade,
Não imagine ver tudo!

NEM SEI

CLORA VAZ

Depois de um dia de trabalho intenso
A mente pesada
As costas travadas
Com o humor amargo
Desgosto estampado no rosto cansado
Eu volto pra casa

Eu daria tudo por uma massagem
Mas todas as mãos do mundo estão ocupadas

Durante o trajeto de volta eu penso
Na falta de interesse
Nada me apetece
E quanto a sorte me aparece
Eu tô distraída correspondendo o estresse

Eu daria tudo por um desabafo,
Mas todos os ouvidos do mundo estão ocupados

Vou a pé pelo caminho extenso
Pisando em falso
Contando meus passos
Pra não pensar muito
Juntando uns trocados
Pra um paiol picado
Que eu vou fumar trago a trago
Praguejando o mundo

Eu daria tudo por um pouco de sossego
Mas nem sei...

QUEBRA-CABEÇAS

LELÊ CIRINO

O amor é como um quebra-cabeças.
Ora sorte,
Que encontre a peça adequada
para se encaixar;
Ora experiência,
De saber onde se encaixa
cada peça.

BRASA EM PELE QUENTE

CLORA VAZ

Eu te quero e é visceral
Numa hora eu te rasgo
Noutra eu costuro
Então cicatriza
E eu te sussurro
Que meus nervos queimam enquanto você me olha

Eu te quero e é literal
Sem receios, sem meias verdades
Sem anseios, só vontade
Tua pele, meu seio, nossa vaidade
E o mundo é transtorno enquanto você me olha

Eu te quero e é natural
É ácido, é doce, salgado amargo
É frio, é morno, é quente e derrete
É peso, é firme, é leve e se esvai
E o ar me embriaga enquanto você me olha

TEXTÍCULO I

LÍDIA DOMINGUES

A suave agonia de estar ao lado seu e me sentir sozinho. Aquela triste e lenta madrugada, onde nossos corpos se perdiam no eixo central da cama. A imagem volúpia de suas costas, estagnada em meu olhar, o espiar de um sussurro no descolar discreto dos espaços atentos de nossa cama que no presente momento se encontra tão silenciosa. Concentrada agora estou no despreocupado emaranhado dos seus cabelos preguiçosos, modelando suas costas e dando vida ao travesseiro.

Eu te quero de um jeito imoral
Quero proibido, profano, prazer
Que seja perigo
Que seja pecado
Que seja penoso
E que ninguém te censure enquanto você me olha

Eu te quero certeiro feito flecha no alvo
Te quero ardente feito carnaval
Te quero tão grande quanto eu te admiro
E que eu te olhe de volta enquanto você me olha

NO TOPO DA CABEÇA

LEANDRO ZERE

minhas mãos procuravam
por mim entre teus seios,
que foi onde a correnteza
da noite me jogou.

quentes, teus dedos finos
procuravam alívio entre meus abraços,
aconchego entre nossos laços.

este suspiro, que é gozar com os olhos
enquanto as carnes se devoram cruas,
o gosto de fumaça foi temperando os cachos
cervejas baratas temperando os lábios
e o calor dos corpos ao som das
zabumbas e triângulos
foi temperando a noite,
com o afago úmido da dança

no dia seguinte, o corpo cansa
a luz do sol ascende os versos
no topo das cabeças.

a poesia se encerra com um nó
que as línguas dão enquanto valsam
deixando, sempre, em entrelinhas
esta vírgula
que nos permite saborear
lembrança e saudade.

NÓS

LELÊ CIRINO

Ele é samba, eu sou pagode
Ele é cerveja, eu sou corote
Ele é do asfalto, eu sou do morro
Mas digo que da favela eu não corro
Ele é rolê na Sapucaí
Eu sou rolê no viaduto
Ele é rolê de fundo de quintal
Eu sou rolê de sorriso maroto
Ele é férias na Bahia
Eu sou férias em Contagem
Ele é garoto do centro e eu sempre vivi as margens.
Não sei se ele tem poucas ideias,
Não sei se tá emocionado
Não sei se fala pra caramba
E se, muito menos, quer estar do meu lado.
Eu sou mesmo é guerrilheira
Já ele, é de São Jorge.
E eu fiz essa poesia
Apostando meu coração na sorte.

QUANDO EU MORRER

DIONE BARBOSA MACHADO

Quando morrer
Que a próxima encadernação
Seja algo de textura
Coisas lisas
Ofício
E papel de trouxa
Já tirei de capa

Para orelha
Rodapé
Ou
Ex – citação
Sem contexto
Digo entre linhas

Que quando morrer
Tenha mais texturas
Fibras
E menos marcações
Com exceção das tuas.

FERIMENTO FEITO A UNHA

CLORA VAZ

Sexta eu sonhei que lixava minhas unhas enquanto te explorava com os olhos, você dormia, na minha frente, com as costas largas e nuas. E com as unhas recém polidas eu percorri a linha da sua coluna, da base até a nuca. E, no caminho mal traçado atravessando suas costas, surgiu uma linha vermelha, suave. Era como se tudo ao meu redor se silenciasse em respeito às pontas dos meus dedos que ziguezagueavam suas costas. Era como se todos os seres do mundo prendessem a respiração junto a mim, que a prendia para concentrar no tato, para sentir com vigor o prazer que me dava percorrer com as mãos as suas costas. Sem fôlego, eu acordei com as unhas cravadas na palma das mãos. No sábado, te encontrei na Sete, não consegui te olhar nos olhos. E evitando o seu encontro, eu rodeei todo o local com os olhos, pousando o olhar nas minhas mãos. Enquanto te evitava, eu percebi, eu realmente precisava lixar minhas unhas.

CURTA PORQUE ÀS VEZES EU RENDO DEMAIS

JOI GONÇALVES

Eu tentei levar na boa,
até fazer piada,
mas percebi que essa porra
não tem graça nenhuma

E de desgraça
Já basta o resto todo.

CISMEIRA

LEANDRO ZERE

Ando juntando cacos,
Julgando laços:
Cascos apertados em crocs
Crocodilos de um Nilo seco

Estampando as camisa
de time
    sem timbre
            no time for US.

só na fila do sus, hoje,
dois que desce no acerto do açoite
nas conta das costa
matemática aqui só subtrai.
(um recorte à faca no canto da foto)

saudade tem gosto de sangue
ou seria a baixa
humidade da cidade secando narinas
à la cocaínas do campin

uns tiro de cinco
uns trinca no sino
e eu cismo que o diabo não exista

mesmo tendo tantos
espelhos da casa.

ESTRADAS

KARINE BASSI

Todavia,
Ainda é tempo
De recuperar a voz,
De acordar
Pegar impulso,
De varrer as trevas-
Da alma,
De comemorar
O íntimo
Encontro com a vida

– apesar de tudo –

Há vida.

SABIÁ E OS MINEIROS

ANALÚ APOLINÁRIO

Eita, que sabiá bonito, sô!
Um cantar que derruba
"quarqué" parede ou muro,
derrete "quarqué" coração!

"Passarim", "passarim",
quem dera se "ocê" quisesse
"pousá" na minha vida,
como "ocê" pousa na minha mente!

NÓS NÃO ESTAMOS AQUI

O CÊ

ADRIANE JOVINO

Cê é todas as estações deste ano louco que num dia chove, no outro o sol não tem graça por que esquenta demais.
Cê é aquele meio de inverno, quando começa o frio cortante e a gente só quer a coberta e uns moletom.
Sexta de verão, a gente só quer tomar uma cerveja no centrão.
Cê é aquelas música bonita que a gente ouve tanto que cansa, enjoa, sempre as mesmas desculpas.
O meu medo de escuro que me faz andar de olhos fechados pela casa à noite e a coragem que eu tenha de enfrentar as barata de asa.
Aquelas datas doloridas que poeta anota no canto do caderno pra lembrar de sofrer no dia e escrever umas poesia.
Aquele caderninho feito à mão que começou com “nós” e acabou com fim no meio. Nem começou.
Cê é meu início de sábado, ânimo pra um rolezão
E a ressaca do fim de domingo.
Céu estrelado, dia nublado
Ônibus que demora demais pra passar e quando chega, tá lotado,
Lotado de coisa, de gente, de sentimento, de confusão
Mil e um destinos que a gente desconhece demais pra acreditar.

TEXTÍCULO II

LÍDIA DOMINGUES

Está pesado e gostoso,
Esse teu jeito de chegar assim de repente
Me enlouquece,
Consome minhas forças,
Pesa os meus olhos
E meu corpo não obedece.
Gosto quando me pega de mansinho,
Assim sem eu perceber
E quando menos espero...
Pulf!
Já fechei os olhos
E me entreguei
Aos teus encantos...
Sono!
Meu querido
E adorável,
Sono.

IMPENETRABILIDADE

THAIS CARVALHAIS

Gostava das noites
em que sabíamos
que dois corpos
não poderiam ocupar
o mesmo espaço,
mas tentávamos
e conseguíamos.
Hoje eu entendo
que não entendia
absolutamente nada
sobre física.

FLORA

DIONE BARBOSA MACHADO

Nem toda planta
Gera flor
Nem todo amor
A gente come

Mas se brotar
Rum!!!

FOGO

Eu fumei com outra pessoa o beck que era teu
E consegui entregar
Os orgasmos
Que você não conseguiu me dar...
O problema é que eu te dei
Eu sei.

Falamos de uma energia
À qual não soubemos transformar
E eu errei.
Falei de expectativas que não queria criar
Mas, mesmo assim, criei
E sem vontade de ficar...
Fiquei.

Eu tentei e só me resta queimar o que já começou...
Por sinal...
Se souber onde está meu isqueiro, me devolve?
É que a sua poesia tá impregnada em mim
Igual cheiro de cigarro em fumante
E não que eu não seja...
Só que pedir meu isqueiro.

AMORA

LABAREDAS

CLORA VAZ

Noite adentro o fogareiro
Distrai a caça, distrai a fera
As labaredas dançam firmes, a luz ferve amarela
Ferve as copas dos carvalhos
Ferve ninho, ferve galho
E o mato seco do início de julho se rende
Incinera

Se você arqueia o tronco, se você me morde a pele
Eu sucumbo como cervo ferido
Você triunfa como a leoa que fere
Se você afia as garras, se você aguça a vista
Eu me encolho como presa acuada
Você me rasga como besta faminta

Corre do predador, tão rápido quanto aguentar
Tão rápido quanto aguentar
Tão rápido quanto aguentar
Que seu fôlego não falte,
Que suas pernas não vacilem
Que seus pés não te falhem
Tão rápido quanto aguentar
O fogo, agora, é o topo da cadeia alimentar

Se você contrai os nervos
Se você exibe os dentes
Eu ando meu último passo roto
Eu olho meu último olhar impotente

No inalar da fumaça
A pata pisa grama chamuscada
Queima a presa, queima fera
Queima toda a caçada

Porta aberta, tão absoluta a sua incerteza
Quem sai ou quem entra, não importa mais
Só a brisa do vento me distrai
Ao entrar sorrateiro pela entrada principal
Refrescando o ambiente sutilmente e trazendo paz
O fechar leve dos olhos ao tocar silencioso da brisa
Trazendo frescor a vida
Diluindo toda impaciência
E onde está você agora adorado calor interno?
A porta agora está fechada

TEXTÍCULO III

LÍDIA DOMINGUES

ANALÚ APOLINÁRIO

LAMENTAÇÕES

O álcool nunca fez tanto sentido,
quanto faz agora, que não tenho você!
O vazio, superou até mesmo a dor!
E, não se engane,
não te quis por uma vida,
te quis mesmo pro agora!
Não entenda mal,
sofro por pouco mesmo e,
estou sofrendo por você!

ADRIANE JOVINO

EU TÔ FARTA

Eu tô farta das sangrias e de gente que não sangra me ensinando a estancar.
Eu tô farta de ver o sangue e não saber de onde ele veio e nem pra onde ele vai.
Eu tô farta do descompromisso que as pessoas têm comigo e eu tô por aqui de gente que evita se comprometer por medo do que eu tenho no peito, o meu peito tá se descobrindo vendo as cores indo embora e o meu cabelo tá caindo porque eu não sei quando nem se elas voltam.
Eu tô farta dos planos que eu faço em vão, enquanto as pessoas se vão e eu não sei se a minha dor nas costas tem a ver com isso, nem se a minha garganta fechando é por causa do cigarro.
Eu tô me dando medo, na mesma medida que os que se vão me dão nojo, mas eu também precisei ir um dia e eu também evito as despedidas.
Eu tô com medo de o adeus ser grande demais pro tchau que eu quero dar, mas se não for pra ficar, pra que ficar?
Mês que vem cê me liga pra dizer se volta? Mas dessa vez inteiro.

ATÉ QUANDO?

Enquanto eles discutem
Se brancas podem usar trança ou não
Mais um preto morre
E é “confundido” com ladrão.

Enquanto eles se perdem na branca
Sem entender o “ao pó voltaremos”
Vários dos nossos são mortos.

Pra onde iremos ?
Quem são os próximos?
Óbitos!

A cada 23 minutos, vão um dos nossos
Quem são os próximos?

Cansada de ir dormir pensando nos destroços,
Todo dia tendo que acordar e ir pra luta
Sem saber o que há de me esperar,
Se eu irei voltar...
Mas mãe, fica tranquila
Porque eles ainda não conseguiram me matar
E enquanto eles continuarem nos matando
Não vamos nos calar.

Por quanto tempo gritamos liberdade a Braga?
Por quanto tempo falamos de Maria Eduarda?
E continuar falando disso é um fardo
Causado por todos aqueles que vestem farda!

O sonho de todo menó, é ser jogador de futebol.
Antes de chegar aos dez, sonha em ser camisa 10
Des...calço
O corpo dribla a Lida
no campinho da Vila
Mas logo o freela convida:
“vai Joãozinho
Ser aviãozinho na vida”.
E quem vibra,
Com a realidade
de ser mal lido, por sua condição de classe?
É foda sociedade,
vê os moleque, que cresce
Tendo referência em Neymar,
Mas pra Mídia é só mais um beira-mar
À beira margens.
Nos negaram a contorno

E disseram que era fácil contornar
A situação
Que todo menó poderia um dia chegar à seleção
Mas nunca foram selecionados,
Na maioria das vezes os alvos mirados
Sobrando a marginalização
Não por serem marginais
Mas à margem dos que estão, então
Criminalizados.

Quem acredita sempre alcança?
Mentira!
Enquanto cê acredita, dez brancos
Furam sua fila.
Não é desesperança,
Fé na vida e nas crianças, mas
Nem todo mundo vai chegar lá,
pois quem dita a regra do jogo
Também escolhe quem vai jogar

Na escola,
a Folha do caderno vira bola
A chinela vira bola
E a gente até se insere
Pros moleque
virar joia.
Levamos poesia.
Papel, caneta, umas letra
Nome de passe pra entrar na cabeça
O Brasil é penta,
Mas desde antes do Tetra, já era treta
É que o sonho dos menino é ser Arrascaeta,
Mas na quebrada só tinha bombeta,
E um campinho de terra e sem iluminação;
As vezes invadiam a escola depois do horário de aula
Apostavam uma coca, uns cheiram uma cola
E no fim,
cada um ia embora, deixando a bola e o sonho no chão.

Narra aí Galvão:
Sobre o príncipe do gueto e seu castelo de madeira,
Nunca foi no Mineirão,
Mas tem minério na mão,
Pois mora na beira
da linha de trem que carrega corpos
Enlamaçados
E entre o vão e a plataforma,
Vende bala nos sinais fechados.

E o foda é
Que o sonho de todo menor
É ser jogador de futebol
Pra tirar a família da miséria social
E entre o sucesso e a lama
É mais um negro drama.

MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE UMA FEMINISTA

THAIS KAS

aqui jaz mais uma, uma **mulher** forte,
mulher guerreira, jornada tripla, trabalhadeira

espancada na **calada** da noite
estuprada pelo filho da pátria **mãe** gentil
difamada pela **família** convencional do Brasil

rasgada por fora, dilacerada por **dentro**
no fundo ela já era só lamento
não sabia mais de onde tirar a **coragem**
pois sua **autonomia** foi lhe arrancada a **força**

sua **liberdade** nunca existiu,
ela **nunca** tinha folga, nem sabia o que era férias
todo dia um macho **alfa**, querendo **podar** a sua alegria

ela já teve **euforia**,
mas não vive de fato a sua **alforria**
que triste **ironia**, dessa vida **sofrida**
mas que apesar de **Frida**, ela não se **Kahlava**

daquelas que nunca para,
pronta pra **guerra** feito **Dandara**

às vezes **fria**
às vezes **sorria**

ela via a **esperança** nas crianças da **vila**
e **sonhava** com o dia de sua aposentadoria,
mesmo sabendo que ela nunca mais **chegaria**

carregava no **peito** a força das **águas**
e se **inspirava** com a energia da **lua**
mesmo tendo que se cobrir com panos
por dentro ela estava **nua**
de **corpo** e de **alma**

em **conflito** com seus pensamentos,
devorando seus **demônios** e engolindo vários **sapos**,
correndo dos **príncipes**,
principalmente aqueles montados em **cavalos**
não gostava nem um pouco de **monarquia**,
ela admirava a **anarquia**, aquela que te dá **autonomia**
pra ser **quem** você **quer**, sem ser levado pela **maré**...

na prática isso parece só papo de **livro**
na **correria** do dia-a-dia era só mais uma **puta**
uma puta de uma **mulher** forte
resistente tipo **rocha**,
do tipo que quanto mais a água bate,
mais ela fica lapidada, **afiada**
pronta pra cair de ponta
e **mergulhar** nesse oceano
de sereias e tubarões

mas isso só pode ser **loucura**
uma **mulher** não pode ser tão **livre** assim
ela tem que seguir o **mal dito** padrão
mesmo sem se quer **saber** onde isso vai dar
ela **queria** olhar pro manequim e se **identificar**
com modelos de **corpos reais**
com várias **curvas** e formatos

"namoral", no fundo mesmo
ela só queria sair de **casa**
sem ter que se **preocupar**
com as contas pra **pagar**
com a comida pra **comprar**
com o cabelo pra **arrumar**
com a roupa pra **lavar**
com o cara que vai **"balangar"**
na **rua** ou em qualquer **lugar**

ainda **pensar** em **ocupar**,
aqueles lugares que eles,
cês sabem quem
nunca deixaram ela **chegar**...

me respondam vocês,
até quando essa **fogueira** vai queimar?
será que eles nunca vão **parar**?
a única **certeza** que eu tenho
é que quando isso **acabar**
nós estaremos **mortas**!

e aí vai ser **tarde demais**
pra eles pensarem em se **desculpar**...

eles pensam que somos só **carne** e **osso**,
esquecem que temos **raízes** e geramos **frutos**

as **mulheres** que já se foram estarão
sempre **presentes** nas **sementes**
que **plantaram** em nossos corações

eles nos querem sempre de **luto**
mas a nossa **luta** sempre vai ser resistir
e é de punho cerrado que **nós** estaremos aqui!

PÁSSARO

ANALÙ APOLINÁRIO

Em meio as pedras e às cinzas
um pássaro amarelo apareceu!
Em meio ao caos e a solidão,
suas penas reluziram como o sol!

Como o primeiro raio do amanhecer,
que traz consigo a esperança,
que representa o recomeço!

Pode ser que
já tenha me tornado pedra,
mas te ver,
lembrou-me que já fui vida!

POEMA CONCRETO

DIONE BARBOSA MACHADO

Aquele que não escreve
E tão pouco lê
Faltou às aulas
Buscando o que comer
Nunca versou em linha de lápis
Ou com a leveza das canetas
Aprendia o peso das cargas
De caminhos de areia
As latas de cimento
Até mais que isso
Era o fardo de uma família inteira pra cuidar
Mesmo que não pudesse escrever
E tudo que construía
Não era para você
Deixou em toda construção
A marca da realidade
Enterrada
Entre o concreto e a ferragem
Mostrava tanto quanto
A comida que lhe faltava
Como a dignidade
Que não foi dada.

TEXTÍCULO IV

LÍDIA DOMINGUES

De tempos em tempos, não se acha sentido
Presente e futuro já comprometidos
Conflitos e perturbações de uma era desenfreada
Pessoas, natureza e mundo se calam
Dos temas abordados de uma era supostamente moderna
A práxis do amor é do tempo das cavernas
Calem a boca. Ó primatas!
Neste mundo contemporâneo,
O afeto entre dois é absurdamente considerado anacrônico.

CARTAS QUE EU NUNCA TIREI DA GAVETA

Para o meu penúltimo amor

BRUXA POETA

Ainda ficaram as dúvidas...
Mas te ver seguindo em frente
me trouxe um pouco de paz.
No fim das contas, eu esperei de ti um perdão que eu mesma precisava me dar.
Eu fui embora sem te dizer o porquê.
Eu andei pelas ruas que já foram tão nossas,
e eu não me via pertencendo mais a nada.
Eu não tinha mais palavras pra te performar a partida,
Eu fui embora sem me entender.
Agora é você e o amor de mãos dadas
E eu só,
mais o mundo.

Terça passada, vendo o pôr do sol, eu finalmente entendi você,
Faltou um desfecho no nosso roteiro.
Você seguiu, e embora parecesse o contrário,
fui eu que fiquei esperando uma razão pelos rumos tomados.
Então eu escrevo, como se você precisasse desses porquês
E não eu.
Eu não fiquei porque a cerveja com você tinha gosto de apelo,
Não fiquei porque as noites tinham cheiro de monotonia.
E eu sempre me via fazendo remendos
em fios muito gastos para sobreviverem aos nossos pesos.
Eu não fiquei porque partir dói,
mas ficar me mataria o amor aos poucos.
Acho que eu prefiro ainda ser capaz de amar.
Espero que você entenda.

NÃO SEI LIDAR COM RELÓGIOS

KARINE BASSI

E esse maldito
Tic-tac do relógio
Sobre a parede.
Isso me irrita.
É como visualizar,
Acusticamente,
O passo do tempo.
Porque não para,
Porque não cessa.
Sempre vivi
Com o medo do relógio
Por mostrar no espelho
Que tudo se acaba,
Acima de tudo o que é bom
Porque o mal
Tem a maldita mania
De dilatar o tempo,
De expandir-se,
Fazendo-se eterno.
Esta noite devo lembrar,
Remover a pilha,
Retirar o relógio da parede
Que, a cada tic-TAC,
me diz que o tempo acaba.
Porque não nos enganemos,
O tempo não cura nada,
O tempo devora tudo.

TEMPO

THAIS KAS

É tempo de mudança
É tempo de transmutar
É tempo de plantar amor
E deixar brotar esperança
É tempo de sorrir,
mostrar os dentes
Mesmo que o corpo esteja
Preso as correntes
Plante novas sementes
Procure as chaves
Destranque os cadeados
Não deixe pra mais tarde
Curta um fim de tarde
Olhe pro pôr-do-sol
Sinta a brisa te tocar
Deixa a vida girar e girar
Deixa a sua saia rodar
Desprenda os nós
Desapegue de nós
Olhe bem pra você
Se enxergue dentro

Sem lamentos
Corte os galhos
Regue as raízes
Viva os momentos!
Se olhe no espelho
Veja o brilho em seus olhos
Veja coragem em suas curvas
Sinta o seu próprio toque
Se permita dançar
Na rua ou na cozinha
Beba um vinho sozinha
Quebre as taças
Guarde as facas
Pelo menos por hoje
Mergulha na maré e não surta
A gente sabe que não dá pra segurar
a onda
Então deixa ela passar,
Deixa ela lavar
Ela foi feita pra gente surfar
Se não der conta de remar

Vai lá e mergulha
Ou então se prepara
Pois ela vai te levar
De um jeito ou de outro
Cê vai parar na areia
Só resta saber se tu quer mesmo
levar um caldo na maré cheia
Deixa a chuva te molhar
Se permita se limpar
das energias que aqui se acumula
Cê sabe que essa tempestade vai passar
“Quem do barro veio, pro barro voltará...”
Que fique o que for pra ficar
E agradeça o que tiver que ir
Mas deixe ir!
“Não se afobe, não
que nada é pra já
O amor não tem pressa,
ele pode esperar...”
Laroyê! Odoyá! Salubá! Epahey Oyá!

APÊNDICE: EDITAR AS LINGUAGENS PERIFÉRICAS

Emilia Mendes
[Editora]

A poesia feita em Belo Horizonte e região tem se mostrado prodigiosa e bem articulada por meio de saraus e de slams. Na maioria das vezes, as manifestações poéticas têm surgido das margens da cidade, promovendo, assim, uma descentralização dessa arte. Dessa forma, a cena poética belorizontina vem ganhando destaque nacional, pela qualidade dos escritos produzidos, bem como pela ação de coletivos que soltam a voz para mostrar novas dicções e formas diversas de se ver o mundo.

Com o intuito de dar visibilidade aos jovens poetas desse movimento, o 14º Festival de Verão da UFMG, ocorrido em fevereiro de 2020, propôs uma semana de residência artística sobre técnicas de edição e de impressão tipográfica afim de estabelecer um diálogo com essas novas produções artísticas. O festival realizou um trabalho conjunto com o Centro de Referência da Juventude.

A parte de técnicas de edição e revisão textual da residência ficou a meu cargo, já que atuo como coordenadora do Laboratório de edição (Labed) da FALE/UFMG; já a parte da tipografia foi ministrada por Gabriel Nascimento, do coletivo 62 Pontos. As impressões da capa, feitas em tipografia, foram realizadas no Museu Memória Gráfica, localizado no Centro cultural da UFMG.

Assim sendo, o presente livro é o resultado de uma articulação entre os coletivos de poesia com a universidade, através da Diretora de Ação Cultural (DAC - UFMG).

Num cenário de poesia recitada, falada, inclusive, em competições, o desafio editorial que tivemos foi o de pensar como transpor, para a escrita, um texto que é da oralidade, que representa múltiplos lugares de fala, que têm uma viva voz. Como trazer tudo isso para o mundo do impresso? Como dar ao leitor uma experiência que seja próxima da oralidade? Da entonação, do gesto? Enfim, como transpor toda uma performance para o papel?

Outras questões importantes para a edição como a revisão de textos e normalização textuais, foram pensadas a partir da oralidade e dos processos de produção e reprodução da poesia nos saraus e slams. A partir de um debate com os residentes, bem como de reflexões linguísticas, optou-se por manter uma linguagem o mais próxima possível da linguagem coloquial, considerando-se a prática da fala desses poemas. A nosso ver, não faria sentido transpor tais poemas para um português padrão norma culta. Esse uso da linguagem tal como é feito pelos residentes, é uma marca identitária desse fazer poético.

Empreendemos também uma reflexão sobre o leitor a partir de elementos de curadoria para os textos, de formas de se criar caminhos de leitura para que o leitor possa se envolver e continuar a ler o livro, mas sobretudo: como tornar a experiência de leitura uma ação prazerosa?

Com o leitor em mente, os residentes fizeram uma curadoria coletiva, debatendo o que seria mais relevante como textos que os representam, bem como de que maneira devem ser dispostos, criando assim temáticas e percurso narrativos sobre as suas vivências e existências.

O design da capa foi uma criação coletiva, a partir das instruções de Gabriel Nascimento. Como se trata de uma escrita de grupos de periferias urbanas, os residentes quiserem explorar essa existência nas margens, que se traduz tanto geograficamente quanto uma marginalização em termos de direitos sociais e de liberdades democráticas. Não estar no centro foi a tônica para se pensar a forma de expressar visualmente como se sentem, sendo poetas das margens.

O projeto gráfico do livro foi desenvolvido pela Alice Masago, do Labed, tendo como referência uma estética das margens, ou seja, uma busca de se explorar mais as margens do papel e descentralizar a mancha textual. Vale dizer que essa diretriz foi pensada durante a residência pelos participantes, a partir das questões levantadas no momento de concepção da capa.

A encadernação em costura japonesa foi uma proposta do Labed, pois já vínhamos trabalhando esse tipo de encadernação há algum tempo. Como o propósito do presente livro é ser artesanal, esse tipo de encadernação nos pareceu apropriado, pois já foi usado para publicações de poetas marginais dos anos 1970. Embora o sentido da poesia marginal não seja o mesmo – estes estavam ás margens das editoras e nossos residentes, estão à margem geográfica e social – o fato de serem jovens se posicionando fora de um centro hegemônico os liga, bem como uma dicção própria e uma inventividade sem se curvar a padrões estéticos já cristalizados.

Esperamos que o leitor possa entender um pouco desse universo da poesia falada na atualidade.

Festival de Verão UFMG 2020 – 14 ª Edição

Promoção: Universidade Federal de Minas Gerais

Realização: Diretoria de Ação Cultural

Reitora: Sandra Regina Goulart Almeida

Vice-Reitor: Alessandro Moreira

Diretor de Ação Cultural: Fernando Mencarelli

Diretora-Adjunta de Ação Cultural: Mônica Medeiros Ribeiro

Coordenação Geral e Curadoria do Festival de Verão UFMG 2020: Fernando Mencarelli, Bruna Raphaella Rodrigues da Silva Acácio, Ludmila de Paula Soares, Samira Ávila Theiss Vorcaro e Sérgio Renato Araújo Diniz

Residência artística: DE QUEBRADA: DA ORALIDADE À POESIA IMPRESSA

Professores: Emilia Mendes e 62 pontos - Coletivo mineiro de pesquisa e produção gráfica

Período: 3 a 6 de fevereiro de 2020
Local: Centro Cultural UFMG | Tipografia: oficina museu

Nessa residência, poetas do slam discutiram processos de edição e noções básicas de como fazer um livro e foram apresentados à linguagem e à técnica dos tipos móveis através de uma abordagem contemporânea, aproveitando a estrutura da tipografia e os materiais tipográficos existentes no Centro Cultural UFMG. A residência teve como objetivo apresentar aos poetas noções acerca dos processos e ferramentas para a publicação de livros, de forma que eles possam produzir suas próprias publicações independentes. Após a residência, o Laboratório de Edição da Faculdade de Letras da UFMG deu sequência a esta publicação, com poemas desses artistas organizados por eles próprios.

Adriane Jovino

19 anos, nascida em 27/07/2000. Formada em Teatro pela Escola Livre De Artes - Arena Da Cultura. Sempre amante das palavras, conheceu a poesia através de Thamara Selva, também poeta de Belo Horizonte, e teve seu primeiro contato com a poesia falada num Slam Clube Da Luta que acontecia no bar Coletivoz, no início de 2017

Amora

Débora Ellen (Amora) é de Santa Luzia, compõe o(a) coletivo(a): MANAS, e A NOSSA VOZ CONTA (Que atua na região de Santa Luzia). É dançarina de dança afro brasileira e compõe o projeto chamado "Violência sexual, não!", que luta contra violência sexual de crianças e adolescentes.

Analú Apolinário

Analú Apolinário, nascida em 20 de setembro de 1997, em Viçosa-MG, e criada em Mário Campos – MG. Poeta marginal, estudante de Direito, feminista e uma das idealizadoras do Coletivo Saraulago, que acontece na cidade de Mário Campos.

Conheceu a poesia marginal em 2018 através do "Nosso Sarau" que acontece em Sarzedo-MG e descobriu seu amor pela escrita marginal, bem como pelos movimentos de Saraus e Slams. Desde então, vem usando as palavras para recarregar as energias e transmitir amor!

Bruxa Poeta

Bruxa Poeta (Camyla Gabrielle Martins Alves), nasceu no dia 02 de janeiro de 2002, é moradora do Alto Vera Cruz, zona leste de Belo Horizonte. Atua como poeta marginal, integrante e coprodutora da Coletiva Manas, bem como da Whiteblack Crew, onde é compositora/poeta.

É uma des multiplicadores do Teatro do Oprimido, pelo projeto "T.O. na cidade" através da equipe Gabinetona. Com formação básica em teatro também pelo programa Valores de Minas, trabalha ocasionalmente com oficinas em escolas integradas, sendo agente cultural nas áreas de Escrita Criativa e Artes Cênicas.

Autora dos zines "Capacidade é uma questão de disposição" e "Do amor... só sei poesia".

Acredita na palavra e na escrita como uma busca à consciência social, e um manifesto de existência.

Instagram: @bruxa_poeta
Facebook: Camyla Martins
E-mail: camyla1369@gmail.com

Clora Vaz

Clara Rodrigues Vaz de Souza, nascida e vivida no Barreiro, Belo Horizonte. Já passou por cursos de Publicidade e Propaganda, Ciências Sociais, Artes Visuais, Canto, mas nunca se formou em nada. Já trabalhou como professora, pesquisadora, oficineira, recreadora, auxiliar administrativa, nunca se profissionalizou em nada. Mas de pouco em pouco se profissionaliza em conversas de bar, absorve conhecimento da rotina de trânsito no anel rodoviário, butecos com todas as mesas ocupadas, conversas no fim de tarde bebendo cerveja com sua mãe. E em meio a tantas experiências que não cabem a um currículo, cada dia se torna maior. Ela sonha em ser artista, um dia ela chega lá.

Dione Barbosa Machado

Aos 34 anos, já recolhe experiências de várias cenas, ator, poeta e multiplicador cultural atua entre coletivos e grupos dentro e fora de BH, iniciou aos 11 anos no teatro e posteriormente na escrita poética onde busca experimentar formas performáticas, visuais e de linguagem para trabalhar a comunicação.

Membro do ColetiVoz, Cia. Chronnos de Teatro e Do Viaduto Pra Cá tem ajudado a fomentar a cena poética/marginal/Periférica na Grande BH.

Utiliza de persona para desenvolver as formas da escrita poética, dentre elas a persona Lilithu's que podem conhecer pelos poemas inseridos neste livro.

Joi Gonçalves

Joice Santos Gonçalves. Conhecida como Joi, nasceu dia 05 de janeiro de 1997 em Camaçari - BA. Formada em teatro, é arte educadora e diretora teatral. Ativa em movimentos sociais e acredita que o amor é a maior arma de transformação. Atualmente estudante de comunicação social - jornalismo - segue no mundo da arte desenvolvendo multi profissões: Poeta, professora, fotógrafa e atriz.

Criança atrevida e falante. Virada do avesso. Sangue quente. Notas boas e comportamento nem tanto. Jogava bola na rua, junto com os meninos, portanto aprendeu a enfrentá-los desde cedo. Seu primeiro contato com a poesia foi em 2014, no sarau de periferia "Coletivoz" e não foi embora nunca mais. Escritora marginal cresceu no Barreiro e já teve a possibilidade de levar sua palavra para vários lugares do Brasil. Integra o Coletivo Avoante, Coletivoz e Grupo 5só.

Karine Bassi

Karine Bassi, natural da terra do pão de queijo, é taurina por destino, escritora por sina e professora por sorte. Publicou os livros independentes: Entulho de Rosas e ***Livro de História****, organizou e editou as coletâneas:* ***À luta, À voz, Raízes - resistência histórica e Raízes*** *- resgate ancestral, das quais também participa como autora.*

Bassi é agitadora cultural, arte-educadora, editora, escritora marginal e idealizadora da editora popular Venas Abiertas, que articula a publicação de autores à margem do mercado editorial/literário. Junto ao Coletivoz, desenvolve atividades culturais e de formação, na região do barreiro e adjacentes. Também integra o grupo de teatro/poesia 5só.

Instagram@karinebassii
Facebook.com/literaturaafrontosa

Leandro Zere

Leandro Zere nascido em 27/12/1996 é escritor e poeta marginal. Graduando do curso de Letras da Universidade Estadual de Minas Gerais, conheceu a poesia através de um livro furtado da biblioteca escolar quando ainda cursava o 6° Ano do Ensino Fundamental em uma escola pública no Complexo Cabana do Pai Tomás, Zona Oeste de Belo Horizonte.

Hoje encontra sua poesia entre becos, barracos e ladeiras no município de Ibirité/MG onde reside atua como Arte-Educador, Articulador Cultural, Slammaster e Poeta. Leandro Zere ainda atua no grupo de Teatro/Poesia 5Só, e no Coletivoz – Sarau de Periferia.

Instagram: @leandro_zere
Facebook: Leandro Zere

Lelê Cirino

Mulher preta, ativista, feminista, resistindo a sociedade, à favor das mulheres pretas. Atua no meio da arte como Slamaster do Slam Empreteceu (Coletivo Empreteceu), poeta marginal e cantora do bloco afro Angola Janga.

"A arte do mix de música com a poesia, me tornou uma mulher mais empoderada e feliz por tentar ser uma mulher que levanta outras mulheres"

Instagram: @lelecirino
Facebook: Lelê Cirino
E-mail: leticiacirinopinheiro@gmail.com

Lídia Domingues

29 anos, taurina, nascida no Rio de Janeiro. Vascaína sofredora, apaixonada pela família, namorada e seus bichanos. Graduada em pedagogia, produtora cultural, escritora por paixão. Mora em BH desde 2016, aprendeu a amar MG e suas delicias. Trabalha realizando projetos literários pela Editora Eu Crio Universos e realizando peças teatrais de cunho educacional na Produtora Cultural Fusca Azul.

Instagram: Sou_Liah
Facebook:lidiadomingues
E-mail: lidiacosta155@gmail.com

Thais Carvalhais

Conheceu a poesia nos saraus marginais da cidade de Belo Horizonte no ano de 2013 e integra o coletivo Slam Clube da Luta desde 2014.

Desde a infância, com a prática corriqueira de rabiscar pensamentos e reflexões nas últimas folhas de cadernos e em papéis avulsos, se apegou a escrita como uma extensão de si para além de seu corpo. Gosta de escutar a poesia alheia. A escuta tem sido uma das maiores formas de aprendizado.

Thais Kas

Amante da poesia, amadora nas artes visuais, apaixonada pela fotografia, encantada com o audiovisual, sempre me encontro no design, faço parte da arte da rua e de toda sua diversidade cultural, a minha verdadeira ocupação é nos espaços espalhados pelos arredores da cidade, praças, esquinas e vielas, transitando nas margens, eu sou de todas as artes e sou feita por todas elas! Artista, Ativista e Anarquista!

Nascida e criada no Aglomerado da Serra. Estuda e trabalha com poesia, fotografia, design, audiovisual e costura. Costureira pelo SENAI e pelo SENAC. Conectada e inserida ao meio cultural, social, político e artístico. Idealizadora e Produtora da Coletiva Manas, que realiza Slam, Sarau e intervenções poéticas na Região Metropolitana de Belo Horizonte. Organizadora do Sarau Comum, que acontece no Espaço Comum Luiz Estrela. Técnica em audiovisual, pela Escola de Arte e Tecnologia (OiKabum!BH).

*Instagram.com/thaiskas_*
Facebook.com/thaiskas
E-mail: thaiskasart@gmail.com

Zi Reis

Multiartista pé vermelho de origem baiana. Cresceu no bairro Nacional em Contagem – MG. Poeta marginal e artista visual, seu trabalho transita por múltiplas áreas especialmente a arte urbana, a escrita literária e o cinema. Coproduziu o Sarau Vira Lata e em 2016 foi uma das poetas finalistas do SLAM-BR – Competição nacional de poesia falada. Compõem os coletivos Manas, Filme de Rua e a Amargem Crew.

ÍNDICE REMISSIVO

Adriane Jovino, 16, 52, 61, 84

Amora, 13, 56, 62, 84

Analú Apolinário, 33, 49, 60, 73, 84

Bruxa Poeta, 31, 76, 84

Clora Vaz, 34, 37, 44, 57, 90

Dione Barbosa Machado, 43, 55, 74, 90

Joi Gonçalves, 3, 21, 45, 90

Karine Bassi, 3, 48, 64, 78, 93

Leandro Zere, 3, 40, 46, 93

Lelê Cirino, 19, 36, 42, 96

Lídia Domingues, 39, 53, 59, 75, 96

Thais Carvalhais, 26, 54, 96

Thais Kas, 24, 68, 79, 96

Zi Reis, 28, 97

DIRETORA DA FACULDADE DE LETRAS
Graciela Inés Ravetti de Gómez

VICE-DIRETORA
Sueli Maria Coelho

COORDENADORA DO LABED
Emilia Mendes

COMISSÃO EDITORIAL
Elisa Amorim Vieira
Emilia Mendes
Fábio Bonfim Duarte
Luis Alberto Brandão
Maria Cândida Trindade Costa de Seabra
Sônia Queiroz

PROJETO GRÁFICO, DIAGRAMAÇÃO E ILUSTRAÇÕES
Alice Masago

PREPARAÇÃO DE ORIGINAIS
Emilia Mendes

REVISÃO DE PROVAS
Coletivo de quebrada

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

LABED - Laboratório de Edição - FALE/UFMG
Av. Antônio Carlos, 6627 – sala 3108
31270-901 – Belo Horizonte/MG
(31) 3409-6072
originais.labed@gmail.com
https://labed-letras-ufmg.com.br/

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

D278

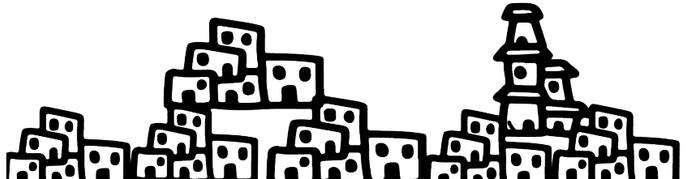
De quebrada: não procure no centro / Organizadoras: Karine Bassi, Leandro Zere, e Joi Gonçalves; [Desenhos de Alice Masago]. – Belo Horizonte : Faculdade de Letras da UFMG, 2020.
114 p.: il.

ISBN: 978-65-87237-14-5 (digital)

ISBN: 978-65-87237-15-2 (impresso)

1. Poesia brasileira – Séc. XXI. 2. Poesia brasileira – Coletânea. 3. Literatura brasileira – Séc. XXI. I. Bassi, Karine. II. Zere, Leandro. III. Gonçalves, Joi. IV. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. V. Título.

CDD : B869.142



LAB ED
fale editora
CENTRO CULTURAL UFMG
DAC DIRETORIA DE AÇÃO CULTURAL
UFMG

A presente edição tem versões digital e impressa. No segundo caso, foi impressa pela Formato Artes Gráficas e pela Imprensa Universitária (UFMG) em sistema digital, papel pólen bold 90g (miolo), composta em caracteres Muro, Louis George Café e Gravity, acabamento em kraft 420 g/m2, capa impressa em tipografia no Centro Cultural da UFMG - Tipografia: oficina Museu e costura artesanal com cordão encerado.